

AS AVALIAÇÕES ESCOLARES: FORMAÇÃO OU PUNIÇÃO?

Heber Junio Pereira Brasão¹

Helen Cristina Pereira de Oliveira²

RESUMO:

O presente artigo visa discutir a questão da avaliação escolar, visto que, a mesma tem um papel fundamental para o sucesso e\ou fracasso escolar dos alunos. Mudar a forma de avaliar os alunos sem antes alterar a maneira de encarar o ensino e a aprendizagem leva apenas a novos equívocos e poucas soluções viáveis. Não basta mudar a forma de avaliar o aluno sem antes alternar o que se pretende avaliar. Isso apenas mascara práticas tradicionais de ensino e pouco contribui para a formação do aluno. Somente com e pais de alunos, que poderemos atingir a tão esperada mudança na educação. As novas formas de organização escolar têm trazido dúvidas e inquietações àqueles que participam do processo educativo. Por iniciativas que antecedam às proposições legais, quer por acolhimento dessas proposições tem demandado a compreensão do significado e do impacto dessas mudanças na comunidade escolar e na ação docente. Não diferentemente da história, o processo avaliativos nas escolas estão sendo vistas como uma espécie de punição e por que não afirmar que se tornou um verdadeiro terrorismo na vida dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVES: Avaliações; Professores; Alunos; Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to discuss the issue of school evaluation, since it has a fundamental role for the success and / or failure of the school. Changing the way students are assessed without first changing the way they approach teaching and learning leads only to new misunderstandings and few viable solutions. It is not enough to change the way of evaluating the student without first changing what one wants to evaluate. This only masks traditional teaching practices and makes little contribution to student training. Only with the combined effort of school agents, students, teachers, school staff and parents of students that we can achieve the long-awaited change in education.

¹ Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos cursos de Letras e Pedagogia na FUCAMP, Monte Carmelo.

² Graduanda em Direito pela FUCAMP, Orientanda de Iniciação científica, PIBIC. Cadernos da Fucamp, v.17, n.31, p.1-7/2018

The new forms of school organization have brought doubts and concerns to those who participate in the educational process. For initiatives that precede the legal propositions, either by hosting these propositions has demanded the understanding of the meaning and the impact of these changes in the school community and in the teaching action. Not unlike history, the evaluative process in schools is being viewed as a kind of punishment and why not state that it has become a true terrorism in students' lives.

Keywords: Evaluations; Teachers; Students; Learning.

Mudar a forma de avaliar os alunos sem antes alterar a maneira de encarar o ensino e a aprendizagem leva apenas a novos equívocos e poucas soluções viáveis. Não basta mudar a forma de avaliar o aluno sem antes alternar o que se pretende avaliar. Isso apenas mascara práticas tradicionais de ensino e pouco contribui para a formação do aluno. Somente com o esforço conjunto dos agentes escolares, alunos, professores, equipe escolar e pais de alunos, poderemos atingir a tão esperada mudança na educação.

Quando se fala em educação há quase um consenso entre os educadores, formados nas mais diversas escolas de pensamento contrários ao modelo tradicional, seja a avaliação por notas e ou por palavras.

Avaliar vem sendo entendido como sinônimo de realizar prova, de atribuir notas que são elencadas em um boletim e que determinam aprovação ou reprovação de um aluno. É esse caráter de julgamento que é destacado por Luckesi:

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. [...] a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. (Luckesi, 1994, p.33).

A avaliação é um aspecto da prática fundamental no ensino-aprendizagem, tanto no que tange aos professores quanto para os alunos e seus pais, uma vez que está intrinsecamente relacionada a destinação da proposta político-pedagógica.

Para o professor, a avaliação representa um papel importante visto que é por meio de intermédio da análise reflexiva dos avanços e dificuldades dos alunos que poderão rever e redefinir sua prática pedagógica, tanto no aspecto do alinhavo de novas

intervenções como na proposição de atividades e metodologias mais adequadas ao desenvolvimento dos alunos.

Toda e qualquer produção por parte dos alunos passa a ser significativa, uma vez que reflete determinado estágio de desenvolvimento dos conhecimentos, desde que haja entendimento por parte do professor de como o aluno elaborou determinadas respostas ou soluções, para definir então, quais intervenções e atividades coletivas e ou individuais deverão ser realizadas visando dar continuidade ao processo de desenvolvimento. Os problemas da prática mais comuns, portanto, poderão levantar questões de estudo para a formação do professor.

Para o aluno, a avaliação destaca-se como um componente do seu processo de escolarização porque define a permanência e a continuidade de seu desenvolvimento na escola. E através da avaliação que o aluno terá a possibilidade de conhecer seu desempenho na escola. E é através da avaliação que o aluno terá a possibilidade de conhecer seu desempenho e compreender seu processo de aprendizagem e formação, pois quando ele passa a ter consciência de seu processo, desenvolve-se intelectual, social e afetivamente. Quanto aos pais, a avaliação escolar significa um importante instrumento ou mecanismo de compreensão dos processos daqueles vividos por seus filhos, e, pode, com efeito, informá-los do porquê e como ajudá-los tanto dentro como fora do âmbito escolar.

Transpondo esse significado para o universo acadêmico, didático e pedagógico, pode-se dizer que o ato de avaliar vem sendo realizado nos mesmos moldes por gerações, mediante as tradicionais provas, no final do período letivo, por vezes intercalados por trabalhos de pesquisa sobre temas aparentemente desconexos do propósito de estar na escola e do que ali é produzido, dessa maneira, avaliar vem sendo entendido como sinônimo de realizar prova, de atribuir notas que são elencadas em um boletim e que determinam aprovação ou reprovação de um aluno.

O contexto avaliativo é sem dúvida uma construção coletiva, na medida em que depende do encontro ou não de uma série de fatores, situações ou objetivos.

Caracterizar a culpa do modelo sobre uma ou outra corrente de ação é minimizar a questão a um nível que pode individualizar sem considerar as relações existentes com o meio de formação escolar e social às possíveis soluções, enquanto busca-se o oposto ou seja, formula avaliação que complete a participação ativa de todos os implicados. Uma ação mediadora não promove o diálogo à relação de trabalho

pedagógico, ela é um processo interativo, dialógico, existente enquanto relação, enquanto confluência de ideias e vivências.

As avaliações têm auxiliado o educando no seu desenvolvimento pessoal, bem como na relação educação/ sociedade e à partir do processo de ensino-aprendizagem essa mesma avaliação tem respondido à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado.

A avaliação escolar é sem dúvida de suma importância, uma vez que, é potencialmente o instrumento a ser usado na construção ou no pleno desenvolvimento do modelo da atuação escolar. Se conduzida com caráter reflexivo e, na medida em que sirva de termômetro a identificar as carências apresentadas pelos alunos, no decorrer do período letivo, serve como balizador, para que possa o professor, possa tomar certas decisões ou executar modificações e reforços que favoreçam o desenvolvimento necessário ao alcance pleno dos objetivos planejados.

É preciso um rompimento com o modelo tradicional de avaliação, por isso a escola não pode continuar trabalhando com verdades absolutas, prontas e acabadas. Torna-se necessário investigar, indagar, avaliar a todo instante o seu trabalho, sua ação educativa deve ser pautada da forma com que vem sendo aplicada, entendida como medidor de conhecimentos e ainda que se instale um novo modelo, onde o aluno seja acompanhado estimulado constantemente, podendo assim ser avaliado também diariamente em função da construção em si dos conhecimentos que tenha sido capaz de auferir e processar o que deve ser modificado, antes de qualquer questão, sendo a verdadeira função avaliação no contexto escolar.

Enquanto o processo avaliativo for realizado com intenção única de atribuir nota ao aluno, não contribui para um maior desenvolvimento dos envolvidos em sua confecção, mas ao contrário até, pode ser um dos fatores geradores de um maior índice, tanto de evasão como de reprovação escolar.

Não se pode confundir avaliação com nota e muito menos permitir que se continue usando o termo nota como sinônimo de avaliação, não ter nota pode ser tão arbitrário e autoritário quanto tê-la.

Dentre as diversas formas de avaliação podemos citar a avaliação classificatória, avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. A mais utilizada na escola

AS AVALIAÇÕES ESCOLARES

sem sombra de dúvidas é a classificatória que está relacionada com a ideia de medir os conhecimentos e o rendimento dos alunos, tendo como finalidade verificar a aprendizagem atribuindo notas e conceitos por meio de provas, testes e questionários. Aprovando ou reprovando os alunos ao final de um ano letivo.

Este tipo de avaliação estabelece um padrão de rendimento sem levar em consideração a individualidade do aprendiz. O professor tem um papel fundamental nesse processo, pois cabe a ele fazer, aplicar e corrigir as provas, sendo justamente esse tipo de avaliação a que mais causa medo e desconforto aos alunos, uma vez que a maioria das vezes os mesmos estudam para sair bem na prova e passar de ano e não para adquirirem conhecimento.

Essa modalidade de avaliação acaba não contribuindo para que os alunos superem as dificuldades na aprendizagem ao contrário pode até contribuir para o surgimento de problemas psicológicos (traumas, depressão, baixa autoestima), tendo a função de classificar o rendimento dos alunos no final de um período em que são avaliados os resultados alcançados de acordo com os objetivos do professor e o aluno é classificado por meio de boletins cujo resultado é representado pelos termos aprovado ou reprovado.

A prática da avaliação escolar classificatória e opressora que está no centro das experiências negativas dos alunos, faz supor a existência de uma relação de forças assimétricas, retratando uma imposição externa de normas e ordens por parte do professor e uma notória ausência de adesão interna por parte do aluno.

Infelizmente as matrizes, os modelos e os novos paradigmas têm-se desenvolvido mais nos processos de avaliação institucional, desempenho de sistemas e subsistemas e têm-se evoluído menos de quando se trata a oferecer subsídios à avaliação do aluno na sala de aula. Assim tem predominado os procedimentos tradicionais, seja pelas razões já apontadas como o filosofismo e tecnicismo, seja pela força da inércia, comodista ou temerosa em relação ao nosso. Como bem explicita Romão (2003, p.19).

É preciso que se possa mudar inclusive alguns conceitos ou padrões, passando pela melhor formação profissional do educador e, mesmo para aqueles conceitos produzidos ou fomentados a nível social. Nesse sentido se pretendermos realmente aplicar qualquer modelo diferenciado ao padrão vigente, ou mesmo modernizar o modelo tradicional, que seja, é imprescindível que possa o professor acompanhar diretamente esta mudança. Toda a mudança que se pretenda passa, com efeito, pela melhor qualificação profissional, assim como seu aprofundamento desde a transmissão dos conhecimentos, até

aquela mudança estrutural, de aplicação e conduta, de compreensão do que busca o aluno e do próprio modelo avaliativo.

Não há dúvida de que o estado emocional tanto do aluno como do professor, da clareza de como é redigida cada questão, e da forma de análise dos resultados obtidos, bem como a falta de qualificação do mestre em construir itens de acordo com os níveis mentais trabalhados e comprovar se o conteúdo da prova está de pleno de acordo com os objetivos a serem alcançados, são motivos mais marcantes que podem levar o fracasso escolar.

O educador precisa dar-se conta de que é e está seriamente comprometido com o juízo de valor emitido sobre o educando. Seu olhar estreita-se perigosamente ao considerar o processo avaliativo como uma ação objetiva e imparcial, puramente constatativa sobre o fazer do aluno, assim, como uma coleta de dados observável na avaliação, deve-se levar em conta a relação entre o avaliador e o avaliado.

A avaliação escolar é sem dúvida alguma de suma importância, uma vez que, é potencialmente o instrumento a ser usado na construção ou no pleno desenvolvimento do modelo de atuação escolar. Se conduzida com caráter reflexivo e, na medida em que sirva de termômetro a identificar as carências apresentadas pelos alunos, no decorrer do período letivo, serve como localizador, para que possa o professor, tomar certas decisões ou executar modificações e reforços que favoreçam o desenvolvimento necessário ao alcance pleno dos objetivos planejados.

É preciso um rompimento com o modelo tradicional de avaliação, que fuja da aplicação de pessoas como medidor de conhecimentos e ainda, que se instale um novo modelo, onde o aluno seja acompanhado e estimulado constantemente podendo assim ser avaliado, também em função da construção em si dos conhecimentos que tenha sido capaz de auferir e processar.

O que deve ser modificado antes de qualquer outra questão é a verdadeira função da avaliação no contexto escolar. Enquanto for realizada com a intenção única de atribuir nota ao aluno, não estará contribuindo para um maior desenvolvimento dos envolvidos em sua confecção, mas ao cotidiano até, pode ser um dos fatores geradores de um maior índice, tanto de evasão como de reprovação escolar.

É fundamental que se tenha uma visão sobre o aluno como um ser social e político, capaz de atos e fatos, dotados de, e em conformidade com o senso crítico, sujeito de seu próprio desenvolvimento.

A efetivação de uma avaliação democrática na escola depende, em última instância, da democratização da sociedade, de tal forma que não se precise mais usar escola como uma das instâncias de seleção social, onde os educadores devem comprometer seleção social, comprometer-se com o processo de transformação da realidade alimentando um novo projeto comum de escola e sociedade, assim somente uma avaliação levada a termo de forma adequada, é capaz de favorecer o desenvolvimento crítico pleno ou a construção perfeita da autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, J. S. B.; LEHFELD, N. A. S. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2007.

DEMO, Pedro. Avaliação qualificativa. 7ª ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2002.

HAYDT, Regina Cazaux- Avaliação do processo ensino- aprendizagem. 5ª ed. São Paulo-SP- Ática.1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem escolar; estudos e proposições-14 ed- São Paulo; Cortez,2002.

Heloisa H. T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa. São Paulo: FE-USP, v. 30 n. 02, p. 289-300, 2004.

MASDEVAL, Maria Tereza Gomes. Costa Victória Miriparetas, Maria Garcia Serrats; Propostas de intervenção na sala de aula. So Paulo-SP, Madras.2003.

RABELO, Edmar Henrique. Avaliação. Novos tempos, novas práticas. Petrópolis-RJ, Vozes,1998.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica; desafios e perspectivas-5ªed- São Paulo-SP: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003- (Guia da escola cidadã, v.2). SARAMENTO, Diva Chaves (coord). O discurso e a prática da avaliação na escola. Campinas: Pontes, Juiz de Fora, Edufyf,1997.

SOUZA, Clarilza Prado(org). Avaliação do rendimento escolar.Campinas-SP.Papirus,1991.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, Avaliação, Concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. 11 ed. São Paulo-SPLibertad,2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.3).

WERNECK, Hamilton. Se você finge que ensina, eu fingo que aprendo. Petrópolis-RJ.Vozes;1992